



# A relação da psicanálise com as ciências e áreas afins\*

Donald Meltzer\*\*, Oxford

*O autor discorre sobre o modo como a psicanálise se relaciona com as ciências e as áreas afins. Percorre, com esse intuito, a história da psicanálise. Parte de Freud e Breuer, que trabalhavam dentro da tradição da ciência alemã, e descreve uma primeira fase, os primeiros cinquenta anos, caracterizados pela busca de respeitabilidade científica para a nova ciência. A segunda fase inicia com Melanie Klein, nos anos 30, que modifica a visão psicanalítica freudiana, voltada para o passado. Seu ponto de vista estava voltado para a frente, para o desenvolvimento. Isso, aliado à descoberta das funções da identificação projetiva, mudou a concepção da responsabilidade do indivíduo em relação ao seu desenvolvimento. A partir daí, passou a haver certa ressonância com desenvolvimentos em outros campos, principalmente os relacionados com comunicação, verbalização, inteligência e funcionamento do cérebro, estabelecendo ligações com a filosofia. Os aportes de Bion permitiram novas concepções a respeito da luta entre o bem e o mal, levando ao reconhecimento de que, se há um mal a ser descrito, trata-se de ações más e não de pessoas más e do papel que a confusão desempenha na determinação dessas ações. Esses desenvolvimentos levaram a psicanálise para longe da ciência baconiana, aproximando-a da tarefa parental e do espírito da arte, da filosofia e da religião.*

*Descritores: psicanálise, ciência, história da psicanálise.*

\* Conferência realizada na Associação Médica do Rio Grande do Sul (AMRIGS), em 12/08/98, promovida pela Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA) e Sociedade de Psiquiatria do Rio Grande do Sul (SPRS).

\*\* Psicanalista.



É um prazer estar aqui, embora seja sempre assustador falar para uma audiência mista, com pessoas de diferentes profissões, treinamentos, visões do mundo, tipos de experiência. A dificuldade principal é encontrar o vocabulário justo. É mais fácil quando nos dirigimos à audiência em língua estrangeira, quando então encontrar esse vocabulário é problema do tradutor.

Quero falar sobre algo que me interessa bastante, sobre o que eu não escrevi muito porque não é, na verdade, problema exclusivo da psicanálise. Tem a ver com o modo como a psicanálise se relaciona com as áreas de estudo afins. Quero falar da história da relação da psicanálise com a ciência em geral, compreendendo que vivemos em uma época apaixonada pela ciência e que é razoável que assim seja devido a suas tremendas realizações. A ciência, conhecida como ciência baconiana, inventada por Bacon, a ciência experimental, não baseada no prestígio de figuras antigas, mas na investigação, na descoberta e na busca da verdade.

As origens da psicanálise baseiam-se realmente em Freud e Breuer, que eram médicos e trabalhavam dentro de uma tradição da ciência alemã. Ambos tinham uma grande preocupação em tornar seu trabalho cientificamente respeitável, embora, desde o início, essa tenha sido uma batalha perdida. O primeiro volume que apresentaram – os estudos de Freud e Breuer sobre histeria – foi recebido em silêncio, com exceção de umas poucas palavras de louvor. Dessas, as mais expressivas vieram de um clérigo que descreveu o trabalho como algo que tem a ver com a psicanálise da alma. Mas o termo “alma”, é claro, nunca apareceu na literatura psicanalítica, porque toda a grande produção da psicanálise não pode aliar-se, de maneira alguma, com história, religião ou história da religião. Bettelheim fez uma tentativa de reagrupá-la e reclamou que Freud devia ter dito “alma” e não “ego”. Mas ele não fez isso. Disse “ego” e não “alma”.

Os primeiros cinquenta anos da psicanálise, pelo menos, estavam preocupados com essa busca pela respeitabilidade científica. Ela tomou a forma de tentativas de estabelecer critérios rígidos de previsibilidade, os quais levaram a uma tentativa de avaliação estatística dos resultados clínicos. Esses dois itens, com sua semelhança com a ciência baconiana, tiveram muito pouco sucesso. Ficou cada vez mais aparente que a psicanálise dispunha de pouca ou nenhuma capacidade de previsão e que aquelas avaliações estatísticas de resultados podiam ter certa validade no exame de fenômenos de grupo, mas não tinham nenhuma validade na tentativa de compreender o indivíduo.

A segunda era da psicanálise, considero que começa no início dos anos trinta com o trabalho de Melanie Klein, o qual foi mais revolucionário nos seus pontos de vista do que nas suas descobertas. Seu ponto de vista, partindo do traba-



lho com crianças, estava voltado para o desenvolvimento, à frente. Visão esta muito contrastante com a visão psicanalítica disseminada por Freud, que olhava para trás, para a história, para o desenvolvimento passado. O próprio Freud, ao tentar reconstruir a história do desenvolvimento de um paciente e, particularmente, o desenvolvimento da sua doença, enfrentou grandes dificuldades, principalmente no seu estudo de “O Homem dos Lobos”. A partir de um sonho particular desse paciente, ele reconstruiu o que chamou de “cena primária” da infância desse paciente, a cena na qual ele observava os pais em relação sexual. Mas o que ele não pôde decidir foi se a evidência associada com o sonho trazia uma implicação de que essa cena da relação dos pais, chamada cena primária, havia ocorrido quando o paciente tinha seis meses, ou um ano e meio, ou dois anos e meio de idade. O que indicava que a memória não é um registro do passado, que a memória tem uma função bastante diferente: ela é uma reconstrução imaginativa do passado. E que sua confiabilidade como evidência do passado é, na verdade, bastante tênue. Essa dificuldade tem a ver com o desejo de saber o que aconteceu no passado e como isso afetou o desenvolvimento de uma pessoa que é agora um adulto.

Esse era realmente o centro da preocupação psicanalítica nos primeiros cinquenta anos do seu desenvolvimento: a reconstrução histórica da doença do paciente. Nesse esforço de reconstrução, como no caso de “O Homem dos Lobos”, o uso que Freud fazia dos sonhos era muito imaginativo e muito construtivo. As idéias ligadas ao desenvolvimento do paciente teciam-se em torno dos sonhos, como se os sonhos que um paciente tem hoje à noite fossem, em si, resíduos do que ocorreu muitos anos antes. Então, era muito natural para Freud ligar o trabalho psicanalítico com a arqueologia, como se os sonhos fossem os artefatos deixados pelos anos passados na mente do paciente.

Do ponto de vista do interesse no desenvolvimento, os sonhos de um paciente hoje à noite são construídos sobre os alicerces do ontem. Ou seja, as atividades da vida do paciente, tanto no mundo externo, como na sua vida mental, são preocupações muito, muito recentes. Se fizerem referência a algum processo estrutural, seria algo como o modo como o 15º andar de um prédio está relacionado com o 14º. Entretanto, pode-se argumentar: “Sim, mas isso não nega o fato de que a estrutura do 14º andar também está baseada no 13º andar e assim por diante até os alicerces, na sua estrutura.” Mas, de acordo com aquele ponto de vista, a estrutura da personalidade que se manifesta hoje e que mostra referências diretas às ocorrências imediatas de ontem tem uma certa referência teórica ao que ocorreu um dia após o nascimento, talvez, ou dois dias antes do nascimento. Mas não deve ser entendida como uma relíquia daqueles velhos dias e sim apenas como um padrão que tem suas origens no antigamente.



Na teorização de Freud sobre a vida mental e a estrutura do aparelho mental, entre outras coisas, entre os outros itens aos quais chamou de metapsicologia, havia esse item de estrutura. Mas os itens de estrutura não eram imagens como a metáfora da estrutura do 14º andar de um prédio em relação à estrutura do que estava sob o solo, nos alicerces do prédio. A estrutura, daquele ponto de vista freudiano, estava mais relacionada às utilidades colocadas na estrutura, no que diz respeito ao equipamento, à arquitetura: se havia escadas ou elevadores, aquecimento central ou lareiras e assim por diante. Essas idéias sobre a estrutura são bastante concretas, muito práticas, em um sentido, bastante imediatas. Mais uma vez, o trabalho de Melanie Klein mudou tudo isso. Embora suas investigações fossem expressas em termos das várias categorias da metapsicologia, era a estrutura da personalidade, como essa se desenvolvia a partir do dia um ou do dia menos dois, o que a preocupava: a estrutura da personalidade. E, na sua visão, a coisa fundamental sobre as estruturas era de onde elas derivavam, isto é, que tipo de identificações está por trás da ação do bebê de estruturar sua própria personalidade. Essa visão sobre a importância fundamental dos processos de identificação implicava nos mecanismos, nas técnicas através das quais o bebê estrutura sua própria personalidade. Isso mudou completamente o que se encontrava implícito no sistema freudiano, no qual a relação com os pais moldava e estruturava a personalidade para o bebê. Ou seja, essencialmente, uma figura parental era colocada dentro da personalidade, uma figura do superego, que regulava as operações da personalidade.

Essa mudança de visão, da idéia de que o bebê era passivamente moldado pelos pais e, mais tarde, pelo ambiente, para uma visão mais ativa das maneiras através das quais o bebê utiliza as oportunidades oferecidas, tanto pelos pais como pelo ambiente, para moldar a si mesmo, mudou toda a questão de responsabilidade do indivíduo e a visão de que os desenvolvimentos são as conseqüências, independentemente da idade, de julgamentos e decisões. Essa atitude fundamental da responsabilidade do indivíduo de construir sua própria personalidade utilizando oportunidades e relações disponíveis a ele foi ampliada, mais tarde, em 1946, quando Melanie Klein descobriu as funções da identificação projetiva. Os processos de identificação que Freud mencionava eram identificações com o que ele chamava de imagos internas, que eram as imaginações do bebê em relação aos pais. Nas mãos de Melanie Klein, isso se transformou no conceito de objetos internos. Isto é, os objetos que, na realidade psíquica, são concretos como os objetos externos o são na sua realidade, na realidade externa.

Essa visão dos objetos internos como figuras muito concretas implicava no fato de que a identificação não era um processo automático, mas sim uma questão



de escolha: ela podia ser aceita ou rejeitada. E a descoberta do fenômeno da identificação projetiva amplia isso, reconhecendo que o bebê pode também invadir esses objetos internos e apropriar-se deles, explorá-los, disfarçar-se como eles e assim por diante. Essa é uma forma muito complicada de identificação.

Nessa época, as idéias sobre a evolução da personalidade, embora igualmente ancoradas em experiências como em Freud, apresentam uma nova ênfase nas funções intelectuais e emocionais do indivíduo bebê durante seu desenvolvimento, invocadas a cada passo do seu desenvolvimento no exercício das funções de observação, pensamento, julgamento e decisão. Essas eram, na verdade, as funções mentais. E, embora um bebê possa não ser ainda muito hábil nelas, eram funções do aparelho mental herdadas: observação, pensamento, julgamento e decisão.

A partir do momento em que a psicanálise começou a ter essa visão do desenvolvimento e da estrutura da personalidade, passou a haver certa ressonância com desenvolvimentos em outros campos. Principalmente em campos relacionados com comunicação, verbalização, inteligência e funcionamento do cérebro, compreendido como um órgão que era usado pela mente, mas que não era idêntico à mente. Os psicanalistas estavam falando não sobre as funções do cérebro, mas sobre o aparelho mental. Assim, esse interesse na comunicação estabeleceu ligações bastante fortes com o que estava acontecendo na filosofia nessa época e, no segundo quarto do século, na filosofia lingüística. Embora a filosofia tenha tido seu dia A na Alemanha, sob a forma da metafísica, foi na Inglaterra e nos Estados Unidos que o seu desenvolvimento se aproximou mais da psicologia da comunicação e da psicologia do pensamento. Filósofos como Emmerson nos Estados Unidos ou, mais tarde, William James, ou, na Inglaterra, filósofos como Orston, Russel ou Whitehead e, posteriormente, Wittgenstein, estavam todos interessados em psicanálise. Se pessoas como Emmerson ou Kierkegaard não tivessem vivido antes da psicanálise, teriam se interessado profundamente pelo método psicanalítico de investigação. Porque todas estas pessoas se interessavam pela filosofia do ponto de vista das funções levadas adiante e exemplificadas realmente, nos primórdios, pela teologia. A preocupação com a fé, por exemplo. Em Emmerson ou Kierkegaard há referências diretas aos problemas teológicos da fé. E o conceito psicanalítico de objetos internos assume uma significância como se estivesse em continuidade direta com as concepções de Deus no pensamento religioso. É claro que, no pensamento psicanalítico, as idéias sobre a fé não eram simplesmente a expressão de um reconhecimento de incompreensão do mistério. Elas envolviam um tipo de função mental muito mais descuidada<sup>1</sup>, que é equivalente ao que

1. Careless.





Donald Meltzer

Kierkegaard chamou de “o pulo no escuro”. Naturalmente, isso envolve, na psicanálise, uma compreensão de que a confiança não é algo que o paciente traz consigo, nem algo que um analista pode esperar de um paciente. É algo a ser aspirado: que, ao término de uma boa análise, exista, entre paciente e analista, algo como confiança mútua.

Mais tarde, a psicanálise pôde descobrir como eram importantes alguns conceitos teológicos, tais como o perdão. Viu-se em posição de desafiar nem tanto a teologia do bem e do mal, mas a atitude institucional quanto ao bem e o mal como realidades inerentes e inevitáveis do mundo e da natureza do animal humano. E também, em relação a essa espécie de pessimismo gerado pela religião, ligado ao mundo do vale de lágrimas, onde haveria uma luta sobre-humana entre Deus e o Diabo, entre o bem e o mal, e da qual os homens eram um tipo de vítimas passivas. A primeira observação otimista referindo-se ao bem e ao mal ocorreu em um livro de Melanie Klein chamado *Inveja e Gratidão*. Nesse, ela como que descreve o mal – ela o fez a partir de sua experiência analítica – como uma consequência, uma função da inveja. Essa função da inveja, embora não pudesse ser eliminada, podia ter a sua violência bastante reduzida através da psicanálise.

Em estudos mais recentes, associados particularmente ao nome de Wilfred Bion e às pessoas que expandiram seu trabalho – os pós-kleinianos – a ênfase incide na luta entre o bem e o mal, o que também estava implícito na obra e no eventual pessimismo de Freud. Este como que declarou que o resultado de uma análise dependeria, na verdade, do equilíbrio das forças no paciente, aquilo que chamou de economia da personalidade. Mas, através do trabalho de Melanie Klein e Bion e das pessoas que os seguiram, a ênfase mudou da exploração da interação do bem e do mal para o reconhecimento da confusão e do papel que a confusão desempenha na determinação das ações que resultam dos julgamentos e decisões do paciente. Com isto, é possível dar-se conta que, se há um mal a ser descrito, são ações más e não pessoas más. Ações más. E, no que se refere a descrever pessoas, não encontramos pessoas más, encontramos pessoas confusas. Porém esta é uma percepção com, pelo menos, 2.300 anos de idade e remonta a Sócrates, que disse, inequivocamente que, se o homem compreendesse, ele faria sempre o bem. Esta percepção significou que o trabalho do analista não era sair a perseguir as forças do bem e lutar contra as forças do mal existentes no seu paciente. Sua tarefa era tentar compreender e desatar todos esses nós de confusão nos quais o paciente estava amarrado.

Todo esse desenvolvimento, naturalmente, leva a psicanálise para milhas de distância das idéias da ciência baconiana. Ela não permite nenhum tipo de medida, de predição, de validação, nenhum tipo de teoria triunfante. Isto marca as





tarefas da psicanálise como puramente de investigação e compreensão. Não se espera que o analista faça qualquer coisa para ou pelo paciente. Isso também significa que o analista tem uma tarefa muito especial imposta a ele: a tarefa de tolerar sua impotência, o fato de que não há nada que ele possa fazer pelo seu paciente. Tudo o que pode fazer é observar, pensar e tentar comunicar ao paciente suas opiniões sobre o que está acontecendo. O paciente, então, é completamente livre para desperdiçá-las, estragá-las, modificá-las ou jogá-las fora. Isso começa a soar exatamente como uma relação de pais e filhos, o que de fato é, com toda a impotência e todas as exigências de uma espécie de altruísmo do analista. Não se pede que tenha qualquer ambição em relação ao paciente. Também não se espera que ele vivencie como sua recompensa qualquer conquista feita pelo paciente. Tudo o que se exige dele é que preste atenção com interesse e que tolere a incerteza, as decepções do paciente. As cargas impostas ao analista são os sacrifícios da paternidade nessa forma analítica particular.

Descrevendo desta maneira, torna-se bastante aparente que o exigido do analista é que trabalhe com paixão, paixão pelo trabalho. E isso não é a mesma coisa que paixão pelo paciente. É apenas uma paixão que gera um tipo de relação imaginativa no que se refere ao paciente e ao desenvolvimento do paciente. O analista não precisa nem mesmo gostar do paciente. Mas é necessário que seja capaz de imaginar o paciente transformando-se em uma pessoa amável e admirável no futuro. É tudo o que é exigido dos pais: serem capazes de fazer um tipo de sacrifício abnegado em prol do desenvolvimento dos filhos, baseado na imaginação do seu crescimento e desenvolvimento.

Este reconhecimento da identidade aproximada do trabalho analítico e do trabalho parental também coloca a psicanálise em conexão bastante estreita com todo o campo das artes. O tipo de imaginação exigido, a fim de que tenha uma atenção passional, altruísta e de auto-sacrifício para com o paciente, é uma imaginação estética do desenvolvimento do paciente. E a coisa toda colocada junto e descrita desta forma faz com que pareça uma atividade bastante espiritual, e seria muito razoável reviver a frase mais antiga de Freud, de que a psicanálise era a “cirurgia da alma”.

**Pergunta** – *Ficou bem clara a diferenciação que o senhor fez no avanço que houve na concepção do sujeito de Freud para Melanie Klein. Eu gostaria de escutá-lo um pouco a respeito das mudanças de ponto de vista que ocorreram na psicanálise de Klein para Bion. Uma segunda questão diz respeito à imaginação especulativa como uma atitude que se desenvolveu na psicanálise para poder apreender e ter a compreensão da vida psíquica do paciente. A minha pergunta é*





Donald Meltzer

*se isso não se relaciona com uma evolução que houve na ciência em geral, na qual o astrofísico ou o matemático também precisam usar sua imaginação especulativa para desvendar o universo.*

**Meltzer** – Em relação a sua segunda pergunta, concluo que isso é o tipo de consequência do trabalho de Einstein sobre a ciência em geral, que é visto como se fosse a morte da ciência objetiva. Que não existe uma observação objetiva, nem mesmo com instrumentos, mas que tudo em observação também é influenciado pelas posições relativas ou pela relação entre observador e observado e assim por diante. Isto é, com certeza, a morte da ciência baconiana. O que ainda deixa um mal-entendido muito grande entre a psicanálise, como o seu tipo de ciência, e o resto das ciências, porque, no resto das ciências, o conhecimento não é valorizado em si, mas apenas por suas consequências. Também a psicanálise levou um bom tempo para superar essa atitude prática de que a validade de uma idéia é provada pela sua utilidade e, portanto, pela sua eficácia terapêutica e assim por diante. Isso nos leva de volta à sua primeira pergunta, sobre o tipo de revolução entre o trabalho de Melanie Klein e o trabalho de Bion. Minha opinião é que, para entendermos o trabalho de Bion, temos que abordá-lo de forma semelhante à que devemos ter ao abordar o trabalho de Freud. Ao abordá-lo, há que pensar em termos de certas teorias do seu trabalho e em outros tipos de teorias as quais ele substituiu por outras. O de Bion também é assim: é instável, não tem uma progressão constante. Seu grande trabalho está incluído em *A Grade*, que foi a tentativa mais imaginativa e criativa já existente de descrever o processo através do qual ocorre o pensamento. E não há nada na filosofia, que eu conheça, que se aproxime de *A Grade* pela sua utilidade de ser capaz de pensar sobre o pensamento. Mas, mesmo em *A Grade*, havia algumas coisas que voltavam aos critérios da ciência, isto é, que a utilidade do pensamento depende da ação à qual ele leva. O mesmo ocorre com a matemática. Por exemplo: a utilidade da matemática pura depende das aplicações que são feitas da mesma na matemática aplicada. Agora, esse erro metodológico em *A Grade*, que coloca a ação como a coluna final na coluna horizontal, foi acompanhado por todo um movimento, ao longo de alguns anos, nos quais ele tentou empregar o formato da matemática para dar precisão às suas idéias sobre psicanálise. E os livros desse período intermediário, *Os Elementos da Psicanálise*, *Transformações* e também *Estudos Psicanalíticos Revisados*, estão preocupados com esse romance com a matemática. Penso que quem está interessado neles pode lhes dedicar seu tempo. Mas considero muito difícil que alguém interessado em psicanálise tenha qualquer interesse nesses livros. Imagino que Bion sentiu o mesmo com o tempo e, depois de *Transformações*, veio *Atenção e*







*Interpretação*, que retoma a psicanálise clínica. E depois a trilogia *Uma Memória do Futuro*, a qual realmente revisa toda a sua teoria sobre relações humanas. Então, ao avaliarmos os aspectos revolucionários de Bion, temos que lê-los com um certo tipo de distinção, assim como se olharia o trabalho de qualquer artista do qual nem toda peça é uma obra de arte. Ao avaliar a produção da vida de um artista, temos que ver o desenvolvimento da sua arte como uma jornada que nem sempre obedeceu à leitura da bússola, mas que, às vezes, deu voltas e perdeu tempo e assim por diante. O trabalho de Melanie Klein é muito mais simples intelectualmente e está, de várias maneiras, como que enraizado nos seus instintos maternos. Como se tivesse apenas prosseguido, seguindo seu próprio curso e fosse gradativamente desenrolando-se de uma maneira bastante consistente. Não é brilhante intelectualmente e não é difícil de compreender ou acompanhar e, de várias maneiras, ela não reconheceu como era revolucionário, enquanto que Bion estava bem consciente de uma intenção revolucionária no seu trabalho. E é absolutamente revolucionário do ponto de vista de ser capaz de pensar sobre o pensamento. Não é tanto uma contribuição para a prática da psicanálise como o é para o espírito da psicanálise, ligando-a profundamente ao espírito da arte, da filosofia, da religião e enriquecendo-a de uma maneira revolucionária. Realmente recomendo que as pessoas leiam e releiam e apreciem o terceiro volume de *Uma Memória do Futuro*, porque ele realmente substitui a espinha dorsal de *A Grade – a ação* – e a substitui por comunicação.

**Pergunta** – *Dentre as suas muitas formulações estimulantes, recordei neste momento a distinção que o senhor faz entre mistério e segredo e o destaque que o senhor dá à importância de termos a capacidade de tolerar o mistério. Há um analista brasileiro, La Puente, que fez uma investigação etimológica sobre a palavra mistério, concluindo que ela viria do grego, naturalmente, e significaria “útero fechado”. Eu gostaria de saber que relações o senhor poderia fazer disto, da idéia de mistério, com a sua noção de conflito estético.*

**Meltzer** – Estou muito feliz que você tenha levantado esta questão porque o conceito de mistério é, certamente, absolutamente central nestes níveis de abstração que atingem a estética e o espiritual. Esse termo “mistério”, que também parece implicar que não adianta pensar sobre ele porque não se pode entendê-lo, continha a tendência de desencorajar tentativas de compreensão. E este foi o seu uso feito pela religião no passado: todas as coisas misteriosas estavam com Deus e além da compreensão humana e qualquer tentativa de compreensão não era da natureza dos hebreus e seria punida pelos deuses. O modo como a palavra “misté-





Donald Meltzer

rio” se aplica ao pensamento psicanalítico é melhor descrito em termos de limites, os limites da compreensão. Isso soa como um termo matemático e teve seu desenvolvimento, neste século, principalmente no trabalho de Wittgenstein, particularmente no seu primeiro livro *Tractatus*, no qual ele perseguia a formulação dos limites da linguagem. Mas explorando-a realmente com a pre-concepção de que, embora a linguagem possa ser limitada naquilo que expressar e comunicar, qualquer coisa que ela comunique poderia ser formulada precisamente. Este tipo de busca pela precisão da expressão está, penso eu, no coração do período de romance com a matemática vivido por Bion. O próprio Wittgenstein, quando primeiro abandonou a filosofia por alguns anos e depois voltou a ela, eventualmente escreveu um livro bastante diferente, *Investigações Filosóficas*, no qual formulou que os limites da língua não eram os limites da comunicação. Porém chega um ponto em que a língua atinge aquele limite além do qual está a comunicação através da expressão de sentimentos. Se não se consegue dizer algo, ainda se pode mostrá-lo. E isso desempenha um papel imenso na comunicação na psicanálise. Uma das coisas que muda é novamente atribuível a Freud: sua idéia de que o analista deveria apresentar-se como uma tela em branco ao paciente. Algo que ele pregou, mas que nunca praticou. Por muitos anos, até bem recentemente, os analistas tendiam a acreditar, ou pelo menos a dizer, que o analista não deveria mostrar seus sentimentos ao paciente. O fato é que ele não pode evitar mostrar, tanto seus sentimentos quanto sua falta de sentimentos aos seus pacientes. E qualquer um deles, os sentimentos que mostra ou a falta de sentimentos que demonstra, são um fator imensamente importante na relação analítica, assim como o são em qualquer relação humana. Se quisermos colocar um bebê em pânico, basta apenas olhar para ele com olhos mortos. Para provocar pânico em um paciente, tudo o que precisa é falar com ele com uma voz morta. O silêncio prolongado tem o mesmo efeito que uma voz morta. Então não há realmente a possibilidade de se esconderem os sentimentos ao paciente, nem a sua falta. É claro, conclui-se que o analista tem de prestar muita atenção aos seus sentimentos, reconhecendo que os está comunicando.

**Pergunta** – *Mas quando Wittgenstein disse que os sentimentos estão condenados a serem mostrados, isso não implica uma ação?*

**Meltzer** – Isso levanta uma dificuldade terrível de distinguir entre mostrar os sentimentos como uma ação e mostrar os sentimentos como comunicação. E é muito difícil de se fazer essa diferenciação em relação a si mesmo ou em relação a outra pessoa qualquer. A diferenciação reside, na verdade, na motivação. Quando os sentimentos são mostrados com a finalidade de causar um impacto no outro,





não se está comunicando, está-se fazendo propaganda. E, é claro, é um grande perigo para o psicanalista perder a posição de estar comunicando e acabar por fazer propaganda para o paciente.

**Pergunta** – Strachey, em seu clássico artigo, *acho que de 1934*, “A Natureza da Ação Terapêutica da Psicanálise”, inicia o seu texto dizendo que foi como um método terapêutico que a psicanálise iniciou e que assim continua até hoje. Isso em meados dos anos trinta. Eu gostaria de saber seu ponto de vista na atualidade, se isso ainda é válido, se a psicanálise continua sobrevivendo principalmente como método terapêutico.

**Meltzer** – Creio que você citou Strachey apropriadamente. Quando ele disse isso, o que tinha em mente era a interpretação mutativa. Embora o tenha declarado de forma muito modesta, era, na verdade, uma idéia bastante grandiosa e não é nem um pouco metafórica como a do clérigo que se referiu à cirurgia da alma. A idéia da interpretação mutativa poderia bem ser chamada de cirurgia das idéias: como se você dissesse a coisa certa e suas palavras entrassem na cabeça do paciente efetuando uma mudança no seu pensamento. Essa intenção, por si só, é uma definição de lavagem cerebral e uma idéia grandiosa sobre o valor da propaganda. Mas penso que Strachey era um homem muito bom e não tinha essa intenção. Contudo foi um tipo de caixa de Pandora, realmente abriu uma porção de idéias grandiosas, que, espero, a esta altura tenham sido colocadas em repouso. □

## Abstract

### The relationship of psychoanalysis with similar sciences and areas

The author considers how psychoanalysis is related to similar sciences and areas. To this purpose he examines the history of psychoanalysis. Starting with Freud and Breuer, who worked within the tradition of German science, he describes a first phase, the first fifty years, characterized by the search for respectability for the new science. The second phase starts with Melanie Klein who, in the thirties, modified the Freudian psychoanalytical view, directed towards the past. Her point of view was always directed forwards, towards development. This, allied to the discoveries of the functions of projective identification, changed the conception of the individual's responsibility in relation to his development. From this point a certain resonance with developments in other fields started to emerge, particularly related to communication, verbalization, intelligence and cerebral functioning, establishing links with philosophy. The contributions of Bion enabled new





Donald Meltzer

conceptions in relation to the struggle between good and bad, leading to recognition that, if there is a bad to be described, it is a case of bad actions, and not bad people, and the role confusion plays in determining these actions. These developments carried psychoanalysis a long way from Baconian science, bringing it closer to parental duties and the spirit of art, philosophy and religion.

Keywords: psychoanalysis, science, the history of psychoanalysis.

## Resumen

### **La relación del psicoanálisis con las ciencias y áreas afines**

El autor discurre sobre el modo cómo el psicoanálisis se relaciona con las ciencias y las áreas afines. Recorre, con ese objetivo, la historia del psicoanálisis. Parte de Freud y Breuer, que trabajaban dentro de la tradición de la ciencia alemana y describe una primera fase, los primeros cincuenta años, caracterizados por la búsqueda de respetabilidad científica para la nueva ciencia. La segunda fase inicia con Melanie Klein, en los años 30, que modifica la visión psicoanalítica freudiana, volcada hacia el pasado. Su punto de vista estaba volcado hacia adelante, hacia el desarrollo. Eso, aliado al descubrimiento de las funciones de la identificación proyectiva, cambió la concepción de la responsabilidad del individuo con relación a su desarrollo. A partir de ahí, pasó a haber cierta resonancia con desarrollos en otros campos, principalmente los relacionados con comunicación, verbalización, inteligencia y funcionamiento del cerebro, estableciendo relaciones con la filosofía. Los aportes de Bion permitieron nuevas concepciones sobre la lucha entre el bien y el mal, llevando al reconocimiento de que, si hay un mal a ser descrito, se trata de acciones malas, y no de personas malas, y del papel que la confusión desempeña en la determinación de esas acciones. Estos desarrollos llevaron al psicoanálisis para lejos de la ciencia baconiana, aproximándolo de la tarea parental y del espíritu del arte, de la filosofía y de la religión.

Palabras llave: psicoanálisis, ciencia, historia del psicoanálisis.

Recebido em 06/04/2005

Aceito em 20/04/2005

Tradução de **Patrícia F. Lago**

Revisão técnica de **Patrícia F. Lago** e **José Carlos Calich**

© Revista de Psicanálise – SPPA

448 □ Revista de Psicanálise da SPPA, v. 11, n. 3, p.437-448, dezembro 2004

